

Novas roupagens escolares: a infância pós-moderna

Dinah Quesada Beck¹

Resumo

A pesquisa que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFRGS, em nível de Doutorado, na Linha de Pesquisa Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, vem discutindo as transformações ocorridas em torno dos conceitos de infância e sua educação, tendo como referenciais teóricos os Estudos de Gênero e os Estudos Culturais em Educação. Para tanto, no exercício da docência e no desenrolar da pesquisa, temos percebido as representações do consumo sobre as crianças, em especial sobre as meninas, que circulam pela escola em que a investigação se desenvolve. Como consequência deste processo propagado pelo consumo, mudanças nos padrões de vida moderna são constituídas e passam a ser visualizadas nos corpos femininos infantis, envoltos no que apontamos como o fenômeno da exposição/erotização da infância contemporânea e pós-moderna. Através da análise de determinados artefatos culturais, em especial aqueles que circulam pelo universo escolar infantil, como o uniforme escolar e as remodelações propostas pelas crianças, a pesquisa busca investigar o modo como tais artefatos remetem a um ritual escolar, que é o processo de vestir-se para ir à escola — *prática de revestimento dos corpos*. Do mesmo modo, dando atenção ao modo como as crianças operam tais artefatos em suas experiências cotidianas na escola, falas, depoimentos e observações compõem o corpus de análise do estudo. Desta forma, a preocupação em investigar a representação do consumo no meio escolar e as relações que se estabelecem com a infância, mais especificamente em relação aos uniformes escolares, remodelados pelas representações e pelos significados que se constituem em torno do corpo almejado, estabelece e justifica a relevância deste estudo.

Palavras chave: Infância, consumo e erotização.

New School Versture: Postmodern Childhood

Abstract

The research being conducted in the Graduate Program in Education Faculty of Education at UFRGS in the Ph.D., in the Research Line Education, Sexuality and Gender Relations, has been discussing the changes occurring around the concepts of childhood and their education, taking as theoretical Gender Studies and Cultural Studies in Education. To do so, in the teaching profession and the conduct of research, we have noticed the representations of consumption on children, especially on girls, moving the school where the research develops. As a result of this process propagated by consumption, changing patterns of modern life are organized and are now viewed in infant female bodies, wrapped in what we point out how the phenomenon of exposure

¹ Doutoranda na FACED/UFRGS.

Textura	Canoas	n.19-20	p.85-95	2009
---------	--------	---------	---------	------

/ sexualization of childhood and contemporary postmodern. Through the analysis of certain cultural artifacts, especially those who roam the universe school children, as school uniform and the renovations proposed by the children, the research seeks to investigate how such artifacts, reminiscent of a ritual school, which is the process of dressing to go to school - a practice covering the bodies. Likewise, paying attention to how children operate such devices in their everyday experiences in school, speeches, statements and observations make up the corpus of the study analysis. Thus, the concern to investigate the representation of consumption in middle school and the relationships established with children, specifically in relation to school uniforms, refurbished by the representations and meanings that are sought around the body, establishes and justifies the relevance of this study.

Keywords: Childhood, consumption and eroticism.

UNIFORME ESCOLAR: HISTORICIZANDO PRÁTICAS

O processo de “fabricação” dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de *desconfiança*. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como “natural. (LOURO, 2007b, p. 63) [grifos da autora]

Uniformizar. Eis uma das principais tarefas tomadas e aplicadas pela escola sobre o corpo estudantil. Desde sua gênese até os dias atuais, regulá-los e torná-los simétricos, esguios, educados, comportados, adequados, acomodados, disciplinados, prontos para o trabalho, revigorados é entre outros, exemplos dos princípios aplicados ao funcionamento, ao vigor e a eficácia dos corpos. Nesse sutil exercício pedagógico disciplinar, ou ainda, nessa produção de normas aparentemente ingênuas e essencializadas pela escola, alguns mecanismos foram/são tomados como ferramentas de uso.

Para tanto, dentre as inúmeras práticas cotidianas e rotineiras de que nos fala a autora, que adiante, em sua argumentação complementa: “se acentuei as práticas comuns foi por supor que “prestamos pouca atenção” à eficiência da sua normalização cotidiana, continuada, naturalizada” (LOURO, 2007b, p. 84) é que saliente que se encontra, ainda hoje, em muitas instituições educativas, o

revestimento dos corpos studentis através e por meio da utilização de usuais uniformes escolares, como importantes para que estejamos atentos a eles.

Se as escolas de hoje, assim como as de antigamente, se encontram povoadas por alunos/as que trajam diferentes uniformes escolares, pode-se compreender que os mesmos, por terem a capacidade de ensinar maneiras de como lidar com o corpo, são aqueles que estabelecem normas aos corpos studentis. De inúmeras formas, tais artefatos pretendem — por meio de uma padronização que promove diferenças — facilitar o manejo e o reconhecimento de seu público.

Por isso, compreendidos como artefatos culturais que muito dizem sobre o corpo studentil, os uniformes continuam a existir em nossa sociedade como uma possibilidade no sentido de educá-los e discipliná-los para determinados fins. Atravessados pelos códigos do vestuário, os uniformes se articulam e se estruturam aos discursos e às representações hoje pautados sobre o corpo.

Segundo Inés Dussel (2000, p. 107), em estudo histórico sobre a implantação dos uniformes escolares para alunos/as e professores/as na Argentina e, traçando um contraponto dessa mesma prática com o que acontecia em escolas norte-americanas, diz que:

a roupa foi e é um meio poderoso de exercer a regulação das populações e dos corpos. (...) A roupa marca o sujeito tão profundamente como uma incisão cirúrgica, ligando os indivíduos por meio de sistemas de significação que se convertem em signos. [tradução própria]

Essa autora, argumentando que os uniformes escolares representam dispositivos disciplinares que visam à regulação dos corpos no interior da escola, comenta que suas propostas chegam a ser superiores do que a da roupa comum de cada pessoa, justamente por serem mais precisos ao mostrar a aderência dos sujeitos às normas sociais. Em sua análise, os uniformes, associados à difusão do saber científico, servem como uma forma de governar e constituir estratégias de regulação sobre os corpos studentis.

Em suas palavras:

A ideia da uniformidade dos corpos na escola, aparentemente surgiu em escolas religiosas da modernidade. (...) Pode-se dizer que estes modos específicos em que se buscou e se busca *regular a aparência e a disposição dos corpos na escola são indicativos das formas de intervenção culturais e políticas* que se

estabeleceram como parâmetros sociais em cada formação social”. (DUSSEL, 2000, p. 127) [grifos meus; tradução própria]

Dussel relata ainda que na Argentina, o motivo da implantação dos uniformes foi a necessidade de homogeneizar, em todos os aspectos possíveis, o que era compreendido por uma educação igual para todos. Entendia-se que o uso do uniforme servia para garantir uma identidade coletiva dos/as estudantes dentro da escola, *apagando* as diferenças sócio-econômicas de cada indivíduo. Ao mesmo tempo, ao uniformizar-se com o guarda-pó branco, se estava assumindo marcas distintivas da instituição adotada, o que causava certo prestígio e motivo de orgulho para estudantes e famílias. A cor do guarda-pó também não foi algo ocorrido por acaso. Acreditava-se que a esta cor estavam agregadas noções de higiene, de limpeza, de decoro e de pudor, características que se desejavam ver inscrito nos corpos estudantis.

No entanto, na Argentina, a tentativa de “eliminar as diferenças” por meio da roupa usada na escola, não foi algo possível de ser executado com sucesso, uma vez que os sapatos, as meias e demais roupas cobertas pelos guarda-pós demarcavam a identidade de cada um e a diferença em relação aos demais. Por isso se pode avaliar que o uso do uniforme escolar, tanto servia para a uniformidade dos sujeitos, quanto para a distinção dos mesmos.

Sandra Corazza (2004, p. 55) problematiza essa intenção das escolas de suavizar as diferenças por meio da utilização dos uniformes. Em sua opinião, esta é mais uma de suas ilusões pedagógicas produzidas pela modernidade. Segundo ela:

tal ilusão faz com que acreditemos que, por vestir um uniforme, ficamos todos iguais, como se a *maneira* de vesti-lo, a costura, os tecidos, os acabamentos pudessem ser os mesmos (...) como se fosse possível confeccionar um uniforme absolutamente idêntico ao outro”. [grifos meus]

Atualmente, no Brasil, essa tentativa de promover a equidade social também se vê marcada pelas práticas de uniformidade através da utilização de uniformes escolares. Em 2010, ano eleitoral, a proposta do Ministério da Educação era a de lançar um programa que facilite a compra de uniformes para alunos/as da rede pública de todo o país. O desejo é ver nesse ano cerca de 50 milhões de estudantes matriculados nos ensinos fundamental e médio usando as vestimentas com logotipos do Governo Federal, do Ministério da Educação e do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação). Esse programa fechará o que vem sendo concebido pelo MEC de “quadrado

mágico”, ou seja, juntamente com os livros didáticos, com os ônibus escolares e a merenda escolar, a uniformização dos/as alunos/as da rede pública é vista como a última peça para a formação daquilo que vem se concebendo por educação de qualidade igual para todos².

Nessa análise é preciso considerar que essas iniciativas de implantação de uniformes escolares são um tanto quanto úteis e importantes às famílias e às escolas. Primeiramente pela praticidade de se ter estabelecida a roupa escolar para ser usada e, posteriormente, por se demarcar os/as estudantes da instituição, trazendo proteção e segurança aos que na escola circulam.

Retornando a análise de Dussel, nos Estados Unidos, todo um cenário de medo e criminalidade fez com que a implantação dos uniformes fosse capaz de garantir a identificação dos/as estudantes que circulavam pela escola e diferenciá-los/as daqueles jovens criminosos que perambulavam pelas ruas e esquinas das cidades. Diferentemente do que ocorreu na Argentina, nos Estados Unidos não foi a tentativa de oferecer uma educação igual para todos, atenuando as diferenças sociais que circulavam pela escola que fomentou a implantação dos uniformes, mas sim, a segurança dos/as estudantes é que devia ser motivo de zelo por parte da instituição, uma vez que a mesma havia sido eleita pelas famílias.

CONSUMO E EROTIZAÇÃO NAS NOVAS ROUPAGENS DA INFÂNCIA ESCOLARIZADA

Como percebemos, muitas foram as justificativas e as intenções de implantação das práticas de uniformização do vestuário escolar nas instituições de ensino de vários lugares do mundo. Nessas produções, grosso modo, evidencia-se a necessidade de identificação e de diferenciação entre sujeitos, suas culturas e seus padrões econômicos e sociais.

Ao mencionar esses códigos disciplinares dos uniformes escolares sobre os corpos, podemos nos remeter, a outra instituição civil que também preconizou (e ainda preconiza) tais princípios de identificação e diferenciação sobre seu público: a militar. Nessa instituição, tanto o lugar físico quanto o social dos sujeitos se vêem marcados por meio da utilização dos uniformes militares. São eles que tornam visíveis através de suas insígnias, a patente daquele que o usa e, assim, diferentes hierarquias e posições sociais são

² Dados obtidos no site www.mec.gov.br em novembro de 2009.

reconhecidas nesse espaço. Nas fábricas, o uso dos uniformes também serve aos mesmos princípios: além de demarcar nos corpos a marca daquela instituição, também promove a distinção em relação às demais e, ainda, entre os trabalhadores seus cargos e diferentes hierarquias.

Do mesmo modo vale registrar que até em escolas onde o uso dos uniformes não é obrigatoriamente adotado, traços destes acabam por ser reconhecidos, uma vez que os/as alunos/as buscam estar semelhantemente caracterizados, compondo imagens com as peças e acessórios de seus vestuários para acompanhar os grupos nos quais estão inseridos e, tão logo, a diferenciação em relação aos demais.

(...) os alunos se parecem cada vez mais uns com os outros, vestem os mesmos modelos de roupas ditados pela moda, alguns da mesma marca, o mesmo tipo de celular estufa o mesmo bolso esquerdo da saia ou da calça. Logos idênticos marcam as preferências pelas mesmas *griffes*, os alunos uniformizam-se de acordo com as regras impostas pela sociedade de consumo, de fora para dentro, de cima para baixo.” (Lonza: 2005, p. 227)
[grifos do autor]

Essa necessidade de pertencimento — a uniformização como um modo de pertencimento — encontra abrigo no conceito de *comunidade* de Zygmunt Bauman (2003). Segundo esse autor, na contemporaneidade, em que a falta de segurança, a instabilidade e a transitoriedade das práticas sociais marcam e simbolizam nosso tempo, é o sentimento de pertencer, de fazer parte de um grupo, de ser igual, mas ao mesmo tempo diferente, que une pessoas. Nas escolas, pertencer a um grupo pode tanto ser quando os/as estudantes buscam semelhança por meio do uso de roupas e acessórios que reiteram a uniformidade de seus corpos, como também pela rápida descartabilidade de tais artefatos assim que novos surgem ou muitos passam a usá-los.

Enfim, considerando que na contemporaneidade os uniformes continuam a existir e, compreendendo o poder regulador e de pertença dos mesmos sobre o corpo estudantil, algumas análises sobre as novas modalidades de sua implantação me parecem necessárias e convincentes.

É por nós sabido que em tempos passados nossas roupas escolares advinham da lógica estabelecida pelo regime militar, ou seja, o fardamento como norma, igualdade entre os sujeitos e ordem. Representar a escola e nela se ver representado, imprimindo nos corpos, com decoro e pudor, a instituição adotada pela família, assegurando toda essa produção de uma identidade social

e coletiva, foi o ideário sustentado pelos uniformes do século XIX e boa parte do século XX.

Portanto, em nosso país, passadas algumas décadas da sua implantação, os uniformes escolares continuam a existir, seguindo, porém, padrões um tanto distintos dos de antigamente. Mais do que carregar um emblema e caracterizar-se na roupa e na instituição, o uniforme passa por uma grande *virada*: não serve para igualar e uniformizar a todos. Identificar-se e diferenciar-se na e pela roupa, passam a ser sinônimos de uniformização escolar.

Atualmente, a possibilidade dos/as próprios/as alunos/as criarem seus diferentes estilos, ao adquirir as peças que a escola disponibiliza para o uniforme da sua instituição tem se caracterizado como ritual e prática cultural de determinados grupos sociais. Assim, evidencia-se nesse espaço, que pelas mãos das crianças adentra uma série de materiais e artefatos e esses elementos, juntamente com as peças do uniforme escolar, são utilizados para caracterizar a composição de determinadas imagens infantis propostas pelas próprias crianças.

Ao analisar no corpus analítico da pesquisa a composição destas imagens, vemos que as mesmas se rendem, aderem e percorrem ideais em torno dos discursos que configuram o que é um corpo saudável, produtivo e desejado. Os uniformes adotados têm prefigurado nos/as estudantes a utilização de roupas justas e “descoladas” em seus corpos e isso os converte, conforme aponta Edvaldo Couto (2000), em *corpos outdoor*. Sustentados por uma indústria do consumo que fomenta o desenvolvimento de determinadas práticas, esses discursos servem para produzir denominados corpos, denominados estudantes.

Nesse contexto, percebem-se os distintos significados culturais do uniforme em relação aos de antigamente. Além de representar a instituição, os uniformes servem para representar o grupo no qual os/as estudantes pertencem e estão inseridos. E é justamente esse caráter efêmero e transitório dos uniformes que chama a atenção e traz consigo a possibilidade de diferir dos demais por meio da semelhança.

Mariângela Momo (2007, p. 307) ao analisar essas práticas escolares de uniformização do vestuário **escolar** em escolas públicas, marcada pelo que ela intitula de *infância pós-moderna que vai à escola*, remete-nos ao seguinte entendimento:

Embora possamos interpretar o ocorrido no passado e o que acontece no presente como processos de uniformização “escolar”, seus significados são ambivalentes, se aproximam e se distanciam. Se aproximam, no sentido de que ambos são práticas que buscam a identificação; e se distanciam na medida em que os significados que promovem a identificação são distintos. [grifos da autora]

Para essa autora, a escola, mesmo tendo o uniforme da instituição, também tem incorporado inúmeros artefatos que simbolizam ícones da mídia e, desse modo, os uniformes desfilados padronizam e diferenciam os sujeitos. Considera que atualmente incorporam-se às tarefas educativas da escola características e ideais de uniformização em que os corpos não mais servem para desfilar a padronização imposta unicamente pela instituição, mas agora, a padronização posta em prática é, também, pelo desejo de semelhança (e de diferença) de cada um/a que ali circula.

INFÂNCIA PÓS-MODERNA: INDAGAÇÕES NECESSÁRIAS

Para finalizar a argumentação trazida, alguns pontos merecem atenção. Nesse contexto, ou ainda, nessa *virada* de comportamento da escola, parece-me que ser *moderna* proporcionou, à instituição, alguns distintivos sociais: a ela é legada a visibilidade pela *reinvenção* e *ressignificação* de antigas práticas, o reconhecimento social por saber modernizar-se com o passar dos tempos, a funcionalidade e execução de suas práticas. A escola entende e põe em funcionamento seu projeto civilizador. A diferença de antigamente para hoje é que o uso de uniformes se encontra disfarçado nas variações e composições propostas pelos/as estudantes. Conforme aponta Louro (2007b, p. 62): “sob novas formas, a escola continua imprimindo sua “marca distintiva” sobre os sujeitos. Através de múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes”. [grifos da autora]

Dentro dessa perspectiva de análise traçada, em que a escola opera sob novas formas o seu processo educativo normatizador, é sua marca distintiva, o sutil exercício de diferenciação entre os sujeitos por meio da variação e composição da imagem. Assim, vestir o uniforme *pode ser compreendido* como um modo de diferenciar-se dos demais (o que na verdade parece ser muito mais uma aplicabilidade do discurso “politicamente correto” da escola, do que propriamente a possibilidade dos/as alunos/as operarem a livre escolha das peças do seu vestuário para ir à escola).

Ao mesmo tempo, fazer parte dessa *instituição moderna* propicia, aos/as alunos/as, determinado sentimento de pertença, visto que, ao usar as peças do uniforme, se promove e se instala certo dispositivo de identificação e de diferenciação. Aos/as estudantes, fica reservado *o direito* a composição do seu uniforme, uma vez que são chamados/convocados/interpelados por esses dispositivos *modernos* que contemplam o processo de sua escolarização.

Essa diferenciação no vestir o uniforme primeiramente observa-se, pela materialidade/visibilidade que as diversas peças, cores e modelos causam: dificilmente encontra-se, num dia de aula, na instituição aqui pesquisada, alunos e alunas vestidos igualmente³. Posteriormente, e em contraponto a essa possibilidade, a diferenciação emerge pelas estratégias lançadas pelas próprias crianças. Já que não há a obrigatoriedade/rigidez da semelhança marcada em seus corpos pela roupa usada diariamente na escola, elas próprias, em alguns momentos, buscam proximidade pela e através da roupa, uma vez que combinam entre seus pares alguns detalhes que reiteram a identidade do grupo ao qual pertencem e, logo, a diferença em relação aos demais⁴.

Mesmo levando-se em conta a *multiplicidade* existente nesse espaço, no que diz respeito ao uniforme dos/as alunos/as, seus corpos buscam estar iguais e parecem estar padronizados, mas ao mesmo tempo apresentam-se diferentes e paradoxalmente distintos, não apenas por meio do uniforme e pelas variações que promovem, mas por algo maior, que vai, além disso. As semelhanças e diferenças que são produzidas e passam a existir são alimentadas, inventadas e culturalmente produzidas pelo consumo dos produtos que a escola disponibiliza.

Mesmo tendo o entendimento de que toda essa produção é muito mais da escola do que propriamente dos/as estudantes, ou seja, que mesmo *glamourizada e erotizada* pela possibilidade da variação de peças no exercício da uniformização é o projeto educativo da escola que se vê em pleno vigor e funcionamento, no entanto, afirmar que os corpos estudantis são normatizados por tais regras é algo temeroso.

³ Trata-se de uma escola privada de classe media alta localizada próxima ao centro de Porto Alegre.

⁴ Nesta instituição onde trabalho é comum observarmos as crianças combinando que roupas irão usar no outro dia, tudo isso na tentativa de estarem *semelhantes*, ou então, parecidas, já que o uniforme adotado apresenta peças distintas e dificilmente, sem combinar, as crianças estariam tão próximas na aparência e no visual apresentados.

A escola, mesmo tendo estabelecido tal prática disciplinar e *moderna* em torno da uniformização do vestuário escolar *não controla* a velocidade com que os desejos dos/as estudantes são executados e produzidos. Ou seja: se considerarmos que nessa possibilidade proposta pela escola, de composição de imagens, alguns estudantes podem *subverter* o permitido e o pretendido, o que foge ao controle da escola é justamente o modo como os/as estudantes trajam e operam a funcionalidade desses uniformes. Consumo e erotização mostram-se entremeados neste processo.

Mesmo assim, caberia aqui alguns questionamentos: será que ao possibilitar a criação e a elaboração do uniforme até mesmo o espaço para *subversões* nessas composições já está demarcado? Ou seja: será que as configurações no uniforme escolar já não estão pautadas numa lógica que estabelece o que é a roupa apropriada para os meninos e para as meninas, sobre o que se deve/pode utilizar e criar dentro da escola?

Ao finalizar essa argumentação, cabe ainda perguntar: porque se ocupar com tudo isso? Diante de tantas possibilidades, em que, além de produzidos somos também produtores dessa cultura, ou ainda, se na escola são os/as próprios/as estudantes aqueles/as chamados a participar da produção de sua vestimenta compondo a imagem apresentada, será mesmo que os uniformes escolares *normatizam os corpos studentis*? Não existe certo caráter de positividade, por sua parte, ao operar essas práticas *modernas*?

Vejamos: se é justamente pelo desejo de assemelhar-se aos seus e diferir-se dos demais, que determinados estilos passam a ser adotados no sentido de proporcionar, na e pela visibilidade dos corpos uniformizados, o status de *pertencimento*, será que se encontram igualmente envolvidos, como antigamente, em propostas reguladoras e disciplinares promovidas pela escola?

É preciso continuar a refletir.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CORAZZA, Sandra. *O Paradoxo do Uniforme*. Pátio: Revista Pedagógica, Porto Alegre, nº 28, 2004.

COUTO, Edvaldo. *O homem satélite*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2000.

DUSSEL, Inés. *Historias de guardapolvos y uniformes: sobre cuerpos, normas e identidades en la escuela*. In.: GVIRTZ, Silvina. (compiladora). *Textos para repensar el día a día escolar: sobre cuerpos, vestuarios, espacios, leguajes, ritos y modos de convivencia en nuestra escuela*. Buenos Aires: Santillana, 2000.

FELIPE, Jane. *Afinal, quem é mesmo pedófilo?* Cadernos Pagu, v. 26, 2006.

_____. *Erotização dos corpos infantis*. In.: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs). *Corpo, Gênero e sexualidade: um debate*

LONZA, Fúrio. *História do Uniforme Escolar no Brasil*. Ministério da Cultura: Brasília 2005.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: RJ, Vozes, 2007b.

MOMO, Mariângela. *Mídia e consumo na produção de uma infância pós-moderna que vai à escola*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. (Tese de Doutorado).